

Budapeste

Autor: Chico Buarque

Em seu quarto livro, *Budapeste*, Chico Buarque abandona os enredos asfixiantes em troca de uma história mais palatável. Luiz Chagas “E engravidou de mim, e na sua barriga o livro foi ganhando novas formas, e foram dias e noites sem pausa, sem comer um sanduíche, trancado no quatinho da agência, até que eu cunhasse, no limite das forças, a frase final: e a mulher amada, cujo leite eu já sorvera, me fez beber da água com que havia lavado sua blusa.” Trecho do livro *Budapeste*. José Costa vive no Rio de Janeiro. É casado com Vanda, que engravidou num momento em que ele se sentia despojado de amor próprio. Gerou Joaquinzinho. Na qualidade de sócio-proprietário da Cunha & Costa Agência Cultural, fundada pelo amigo de infância Álvaro Cunha, seu trabalho é escrever para outras pessoas discursos, declarações, notas e artigos inteiros que, não raro, alcançam sucesso, são comentados, forjam jargões, mas o mantém anônimo. Sua solidão, contudo, é relativa. Existem tantos como ele espalhados pelo mundo que chegam a se reunir em congressos mundiais de escritores desconhecidos. Na volta de um desses eventos, realizado em Istambul, Turquia, seu avião é desviado para Budapeste, Hungria, onde pernoita. Como ninguém por lá sabe pronunciar José Costa, surge, então, Zsoze Kósta, um brasileiro apaixonado, ou melhor seduzido, subjugado pela língua magiar a ponto de passar a viver com a bela Krista, mulher que lhe ensina o novo idioma. É do diálogo (monólogo?) entre os dois personagens que se alimenta *Budapeste* (Companhia das Letras, 176 págs., R\$ 29,50), quarto livro de Chico Buarque, que o escreveu na sua casa no Rio de Janeiro e no apartamento em Paris. Luiz Schwarcz, proprietário da editora que também publicou os romances *Estorvo* (1991) e *Benjamim* (1995), conta que Chico nunca teve prazo de entrega. “Budapeste ele levou dois anos para escrever, enquanto os outros demorou um ano.” Chico Buarque é também autor da novela *Fazenda modelo* (1975) e de quatro peças de teatro entre 1968 e 1979. Mas o que chama a atenção em *Budapeste*, principalmente em relação aos enredos asfixiantes dos livros anteriores, é a linguagem mais palatável, sedutora até, com que envolve o leitor para enfim aprisioná-lo numa armadilha estilística: o que é verdade e o que não é? Para Schwarcz, um filho de húngaro, a escolha do idioma foi aleatória. “Chico nunca esteve em

Budapeste”, afirma o editor, divertindo-se com a decisão do autor de transformar em dialeto um regionalismo falado na Transilvânia oriental. O essencial é o jogo claro-escuro entre os dois idiomas, o português e “a única língua do mundo que, segundo as más línguas, o diabo respeita”. José é capaz de escrever sobre qualquer assunto, desde que seja sob a forma de prosa. Atinge o cume de sua carreira ao criar *O ginógrafo*, “autobiografia” erótica de Kaspar Krabbe, um executivo alemão que “zarpou de Hamburgo e adentrou a Guanabara”. No Brasil, aprendeu a escrever o português no corpo de uma certa Tereza, e mais tarde nos corpos de prostitutas e estudantes que chegavam a fazer fila para merecer tal atenção. Na pele de Zsoze, ele só escreve em versos. Assim que começa a dominar o idioma magiar, cria um livro de poemas, *Titkos Háramsoros Versszakok* ou *Tercetos secretos*, que sai assinado por um tal de Kocsis Ferenc, poeta em franca decadência. São referências cruzadas que se repetirão pelo livro. Em certo momento, José abandona Vanda no Rio de Janeiro para descobrir-se Zsoze nos braços de Krista, em Budapeste, e vice-versa. Sempre que está na capital húngara ou na Cidade Maravilhosa hospeda-se no Hotel Plaza, nome genérico que obedece à estranha regra de nunca se localizar numa praça. Mas Vanda acaba se apaixonando pela autobiografia do alemão Krabbe, escrita por José. Enquanto Krista considera os poemas nada mais que “exóticos”, o que leva Zsoze a romper com ela. Esta idéia de espelhos, simulacros e duplos remete a escritores como Henry James e Jorge Luis Borges, como sinaliza o onipresente José Miguel Wisnik, encarregado do texto de apresentação do livro. Aos que se identificam mais com histórias do que com estruturas, porém, a liberdade de José-Zsoze em lidar com seus devaneios guarda ecos de Phillip Roth e Rubem Fonseca nos seus melhores momentos. A diferença é que o personagem de Chico Buarque se revela voyeur de si próprio e de seus delírios

